

MANANCIAS AQUÁTICAS, SUJEITOS SOCIAIS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM FEIRA DE SANTANA (1930-1945)

Pedro Alberto Cruz de Souza Gomes¹

Artigo recebido em: 02/03/2022.

Artigo aceito em: 12/10/2022.

RESUMO:

As águas são um capítulo à parte na história de Feira de Santana. O silenciamento dessas memórias sobre o tecido urbano invisibiliza a relevância histórica das águas para a população. Buscamos evidenciar as atividades de trabalho, sociabilidades e lazer nos tanques, a partir da compreensão da produção de um urbano pautado na tentativa afastar as subjetividades suburbanas. Parte do espectro sociocultural entendido como suburbano foi produzido nos espaços das águas pelas atividades laborais de aguadeiros, domésticas, lavadeiras entre outros. Esse artigo visa agregar entendimento sobre as alterações incrementadas na paisagem citadina, relação entre trabalho e produção do espaço, bem como evidenciar que esses ambientes carregam as memórias inscritas na labuta diária das pessoas comuns.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Águas; Trabalho.

WATER SPRINGS, SOCIAL SUBJECTS AND THE PRODUCTION OF SPACE IN FEIRA DE SANTANA (1930-1945)

ABSTRACT:

The waters are a chapter apart in the history of Feira de Santana. The silencing of these memories about the urban fabric invalidates the historical relevance of the waters for the population. We seek to evidence the work activities, sociabilities, and leisure in the tanks, from the understanding of the production of an urban based on the attempt to keep suburban subjectivities away. Part of the sociocultural spectrum understood as suburban was produced in the water spaces by the labor activities of watermen, housekeepers, washerwomen, among others. This article aims to aggregate

¹ Mestrando em História social da cultura no Programa de Pós-graduação em História da UEFS (PPGH/UEFS); licenciado em história pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1069203295515222>; e-mail: pedroalberto.gomes@gmail.com.

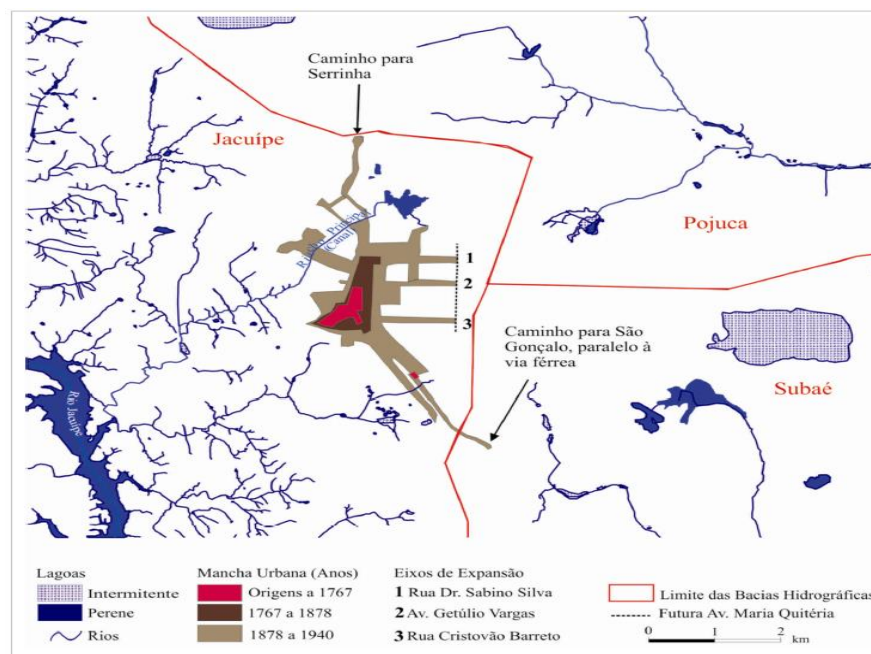
understanding about the changes incremented in the city landscape, the relationship between work and the production of space, as well as to evidence that these environments carry the memories inscribed in the daily toil of ordinary people.

KEYWORDS: City; Waters; Labor.

1. Introdução

Atualmente a questão ambiental é uma das mais discutidas na cidade de Feira de Santana. Na disputa eleitoral de 2020, o meio ambiente foi tema presente em diversas campanhas, sobretudo as que tiveram espaço televisivo. A revitalização das lagoas figurou entre a mais tocada no que diz respeito à temática. O que está longe de ser uma novidade para quem conhece o passado da cidade. Os tanques, fontes e lagoas passaram por um longo processo de depredação, movido, sobretudo, por ocupação habitacional ou empreendimentos imobiliários e industriais. Em muitos casos, tiveram a anuência do poder público (ARAUJO, 2019).

MAPA I - EVOLUÇÃO DA MANCHA URBANA DE FEIRA DE SANTANA – DAS ORIGENS A 1940



Elaboração: SANTO, 2012.

Localizada no agreste baiano e no polígono das secas brasileiro, Feira de Santana está situada numa zona de transição. Onde é possível notar tanto a incidência vegetação xerófito e clima mais seco, quanto de clima úmido e vegetação arbórea característica da Mata Atlântica. A hidrografia da região é marcada pela existência de duas bacias, dos rios Subaé e Pojuca, e uma sub-bacia, a do rio Jacuípe. Grande parte dos corpos d'água presentes no território feirense são intermitentes, secando ou sofrendo consideráveis baixas nos períodos de estiagem, com destaque para os rios, riachos e lagoas (SANTO, 2012).

A cidade atualmente é o maior entroncamento rodoviário do Norte-Nordeste. Sua conexão com diferentes partes do país é antiga, decorrente da antiga feira de gado. O que fez com que afluíssem para a região rebanhos vindos do sertão da Bahia, Piauí e Goiás. Operação que também se apoiou na existência de diversos corpos d'água fundamentais para a dessedentação do gado (FREIRE, 2011).

Entre 1930 e 1945 houve um incipiente processo de crescimento citadino materializado na expansão de áreas suburbanas. A construção da Estrada Rio-Bahia, no início na década de 1940, foi um grande impulso. O texto em questão busca entender como a re-configuração da espacialidade esteve atrelada aos corpos d'água cidade.

A urbe contou e ainda conta com lagoas, bicas e fontes para uso diário da população. A Fonte dos milagres, localizada no bairro Gabriela e a Fonte de Lili, situada no bairro da Queimadinha, são exemplos de como elas fazem parte da vida da população, embora em menor escala.²

A partir de 1970, com a implantação do parque industrial Subaé e com a intensificação da migração, a distribuição de água se tornou uma grande questão para

²Para mais informações ver MOREIRA (2002); Ver também Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2018/01/nova-fonte-dos-milagres-e-inaugurada-no-bairro-gabriela-em-feira-de-santana/>>. Acessado em: 21/02/2022;

a cidade. Muitos bairros periféricos careciam de água encanada (SILVA, 2015). O que reforçou a importância dos mananciais para suprir as necessidades da população.

A instalação de água encanada em Feira de Santana data de 1957, quando o então presidente JK inaugurou o sistema que proveu o líquido as residências, a água captada era bombeada da Lagoa Grande. Mesmo com a melhoria tão esperada, o fluido não jorrou livremente em todas as torneiras, sobretudo pelo crescimento do contingente populacional nas décadas seguintes, parte da população manteve os hábitos de apanhar água nos tanques e os aguadeiros continuaram a adentrar as casas para depositar o precioso líquido (SANTOS, 2010).

As águas eram importantes não apenas no abastecimento da população local, mas na configuração do espaço urbano e das relações sociais. Algumas ocupações estavam diretamente ligadas aos reservatórios, lavadeiras e aguadeiros retiravam do contato com os mananciais o seu sustento. As domésticas figuravam na realização de atividades diárias, as crianças estavam sempre presentes, em companhia das mães e, à medida que cresciam, adquiriam a responsabilidade de apanhar o líquido no tanque. Tais relações tornavam esses espaços locais singulares, atravessado por práticas produziam a linguagem do ambiente urbano, sobretudo nos bairros afastados do centro da cidade.

2. Do Tanque Novo ao Tanque da Nação: os mananciais no subúrbio

Em 1913, o semanário Folha do Norte³ circulou uma notícia sobre a limpeza do Tanque Novo. Conforme a matéria, o tanque estava localizado no subúrbio chamado Baraúnas, próximo à estrada que levava a São José. Na edição seguinte, foi

³ O Jornal Folha do Norte foi um semanário impresso que teve primeira publicação em 1909, ele continua a ser editado em formato digital. Parte do acervo do jornal (em formatos impresso e digitalizado) está sob guarda do Museu Casa do Sertão (MCS), no Centro de Estudos Feirense (CENEF). O Museu é instalado no campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), na cidade de Feira de Santana.

publicado o pagamento semanal de 91\$700 (noventa e um mil e setecentos reis) aos trabalhadores envolvidos na limpeza do manancial.⁴

Pela localização, o Tanque Novo ficava nas proximidades da Lagoa do Prato Raso, que margeava a estrada que vai para São José. A região era conhecida como subúrbio da cidade, a estrada em questão atualmente estabelece a separação entre os bairros da Queimadinha e Baraúnas. Na época, ela estava longe de separar as águas do entorno, uma vez que elas tinham uma rede de ligações através de riachos comunicáveis em períodos de cheias. Provavelmente o Tanque Novo não fazia parte do Complexo do Prato Raso, ele estava situado nas proximidades do antigo bairro Minadouro. O ano de 1913 foi marcado pela seca, portanto, propício aos reparos nos mananciais.⁵

O advogado e memorialista feirense, Eurico Alves Boaventura, rememorou as mudanças ocorridas na cidade na década de 1940: “ruas que se modificaram... Mesmo que mulher velha renovada. A Barroquinha enladeirada plagiava a sorte de muita gente: subia e descia Tanque Novo. Lembra-se, Flori, do xingamento que você levou de uma banhista?” (BOAVENTURA, 2006, p. 88).

O pequeno trecho aponta para a forma com a população do bairro Barroquinha se dirigia para o Tanque Novo. A Barroquinha estava situada na periferia da cidade, próxima a Baraúnas. As memórias de Antônio Moreira Ferreira, conhecido como Antônio do Lagedinho, ajudam a situar o bairro nas imediações da praça 2 de julho⁶, com ligação direta com a rua de Aurora, atual Filinto Bastos, onde também

⁴ Obras no Tanque Novo. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 24 de maio de 1913. n. 171. MCS/CENEF.

⁵ A limpeza e reparos nos mananciais era parte importante do papel do poder público em busca de prover condições básicas de vida. Em contrapartida, a necessidade de realização dos serviços também apontam para possíveis depredações e necessidade de otimização do uso dos mananciais. Para saber um pouco mais sobre a realização de serviços públicos nos mananciais ver ALMEIDA (2010); KLAUCK (2018); MARTINEZ (2007); MOREIRA (2002) e SANT'ANA (2007).

⁶ De acordo com Lagedinho, a Barroquinha e a Rua do Fogo estavam entre as localidades que conformavam os limites da cidade nos anos de 1930, sendo que ambas ficaram à margem do aformoseamento progressista que atingiu outros arrabaldes. O autor ainda fez menção a uma bela

existia via de acesso ao Alto do Cruzeiro, provavelmente com passagem pelo Riacho de Canal (FERREIRA, 2006, p. 93).

O fato de Flori, possivelmente amigo e acompanhante de Eurico, ter sido xingado por uma banhista, evidencia que a prática do banho era exercitada na região. Entretanto, os banhos, ou os modos dos banhistas, chamaram atenção de outras pessoas que não o advogado feirense.

Em 1937, o jornal Folha do Norte publicou uma matéria com o seguinte título: “Banham-se no Tanque Novo em completa nudez”.⁷ Provavelmente a notícia despertou o interesse de leitores/as da época, mesmo figurando em setor desprivilegiado do periódico, na terceira e penúltima página. A maioria das notícias dessa edição do jornal estava voltada para a repercussão da festa de carnaval, mas o tom combativo da matéria certamente não passou despercebido.

Numa nota curta, a equipe editorial deu conta de apresentar a queixa e propor o que lhe pareceu solução viável para o problema: “Pessoas residentes nas imediações do Tanque Novo vieram se queixar de que indivíduos desrespeitadores da moral pública costumam ir banhar-se inteiramente despidos naquele manancial, o que está a merecer da salutar repressão”.⁸ A matéria não oferece mais informações sobre os supostos nudistas, aparentemente eles podem ser vistos como opostos aos habitantes das proximidades, não apenas por estes pretenderem zelar pela moral, como pelo fato de virem de outros lugares para se banhar no tanque.

Segundo Conceição Maria Ramos Almeida, a proibição do banho público estabelecida no código de posturas de 1948 foi uma tentativa de impor um ordenamento moral contrastante com os hábitos locais, sobretudo pela marcante

casa na região da praça 2 de Julho de posse de Miguel Dórea. Segundo o memorialista, na região também havia uma fábrica de Sabão em pedra (FERREIRA, 2006, 92-94)

⁷ Banham-se no Tanque Novo em completa nudez. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 10 de abril de 1937. n. 1447. MCS/CENEF.

⁸ Banham-se no Tanque Novo em completa nudez. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 10 de abril de 1937. n. 1447. MCS/CENEF.

influência indígena na população de Belém- PA. A autora leu a interdição inscrita no código como evidência de prática socialmente difundida (ALMEIDA, 2010).

As reclamações veiculadas nos jornais de Feira de Santana podem ser interpretadas tanto como pistas de práticas culturalmente exercitadas, sobretudo pela população pobre, quanto como uma tentativa de modificação desses hábitos pela imposição de uma lógica cultural e moral recomendada pela elite letrada que disputava o direcionamento político e social através da imprensa.

Nas décadas finais do século XIX, a prática do banho foi revestida de novos significados. Em pesquisa sobre o uso das águas em São Paulo, Denise Berluzzi Sant'ana verificou a mudanças nas formas de asseio, com maior adesão aos banhos de banheira e uso de toalhas e sais aromáticos. As casas de banho se tornaram muito frequentadas com a percepção de poluição dos mananciais (SANT'ANA, 2007). Essas práticas introduziram uma concepção de banho atrelado ao caráter privado do corpo, que relegava ao asseio público em mananciais, sobretudo no ambiente urbano, o lugar de uma prática atrasada. Apesar de permanecer como um elemento da cultura de asseio e recreação entre os trabalhadores.

Assim como o Tanque Novo, diversos outros tanques, fontes e lagoas estavam situados em regiões conhecidas como subúrbio da cidade. Clóvis Ramaiana Oliveira argumenta que a produção material e simbólica de uma sub-urbe, em Feira de Santana, estava relacionada a construção de um ideal de urbano que se pretendia civilizado, superior e projetado no futuro. O polo oposto desse modelo de urbano era o rural, muitas práticas rurais foram taxadas como atrasadas e perseguidas no centro da cidade. Por isso, os locais onde essas práticas poderiam se dar livremente e o modelo de vida não se adequava ao “civilizado” foi pensado como subúrbio, no imaginário dos seus defensores, significava um lugar menor, abaixo da urbe (OLIVEIRA, 2016).

Se pensarmos a partir da questão geográfica, podemos aduzir outros elementos a análise sobre a localização das aguadas na cidade. A urbanista Sandra

Medeiros Santo estudou a ocupação do território feirense a partir de variáveis topográficas, ela argumenta que o relevo da cidade é marcado por regiões altas compostas por tabuleiros com algumas depressões às margens dos tabuleiros. A autora afirma que o fenômeno da ocupação habitacional se concentrou, inicialmente, nas partes altas da cidade. As regiões onde se pode verificar os declives, são exatamente onde se nota a presença dos tanques, fontes e lagoas mais antigas (SANTO, 2012).

Um rápido olhar sobre o centro urbano da cidade de Feira de Santana permite enxergar a produção da centralidade do sítio urbano numa área elevada, margeada por bairros muito antigos como Baraúnas, Queimadinha e Olhos D'água, bem como a região onde estava localizado o Tanque da Nação. Sandra Pesavento afirma que o olhar do historiador sobre a cidade permite perceber aspectos do passado ainda presentes na paisagem urbana (PESAVENTO, 2007). Em Feira, é possível olhar o relevo da cidade e analisar como os elementos produtores da paisagem passaram a ser índices sociais de demarcação territorial. Os mananciais como Tanque Novo, Lagoa do Prato Raso, Tanque da Nação e Fonte do Mato funcionavam como marcadores espaciais e culturais do espaço suburbano.

Foi possível notar a existência de lagoas, cisternas e tanques, sobretudo entre os limites de propriedades rurais.⁹ Essas propriedades faziam parte da paisagem da cidade e mantinham um modelo de produção da vida que, por vezes, dialogavam com a principal atividade comercial praticada, o comércio bovino. A ordem produtiva em questão, em certa medida, era vista como atrasada quando associadas ao trabalho “rudimentar” tido como herança negro-escravista base da produção das fazendas locais (ALVES, 2013; SILVA, 2020), até serem impactadas pela introdução de novas

⁹ No ano de 1913 foi noticiada pela Folha do Norte a morte, por afogamento, de um carregador. O fato teria acontecido na cisterna da chácara do Major Rogério Pitombo. **Accidente. Folha do Norte.** Feira de Santana, 12 de abril de 1913. n. 163. MCS/CENEF.

de técnicas de produção e beneficiamento. Algumas dessas propriedades contavam com agregados, vaqueiros e aguadeiros, ou pelo ao menos alguns deles.

Eurico Alves Boaventura dedicou algumas linhas que fazem referência à questão:

correio dispensava endereço mesmo para a gente suburbana. E era assim: chalé do Dr. Raul Gordilho, chácara do Dr. Agnello Macedo, roça de Zé Francisco Boaventura, chácara do Sr. Antunes, sobrado de José Alves Boaventura, chácara de Seu Ramalho, roça de Benigno Boaventura, lá longe, roça de Seu Antônio Dória (BOAVENTURA, 2006, p. 86).

O modelo de vida que parte comerciantes, profissionais liberais ou mesmo da antiga elite rural produziu favorecia, dentre outras coisas, contar com mão de obra da população pobre e a re-edição das relações de poder marcantes no ambiente rural.¹⁰

Raimond Willians refletiu acerca das dinâmicas do campo e da cidade na Inglaterra. O autor argumenta haver uma relação de complementaridade entre os ambientes, bem como uma relação dinâmica e complexa na forma como os sujeitos produzem sua existência, costurando imbricações em ambos os espaços (WILLIANS, 1989).

Em se tratando de Feira de Santana, Mayara Plácido Silva demonstra como a economia de pequenos produtores rurais estava ligada ao ambiente urbano, a venda de animais e excedente de produção na feira da cidade, bem como a aquisição de produtos necessários à sobrevivência no campo. Os aspectos rurais também foram notados pela autora em alguns bairros da cidade, sobretudo nos adjacentes (SILVA, M., 2012).

A estreita relação entre campo e cidade em Feira de Santana foi tão profícua que se desenvolveu um modo produtivo em que era muito favorável a presença de fazendas ao redor do centro urbano, irradiador comercial da produção pecuária. Para

¹⁰ É importante frisar que as águas eram elementos que serviam à manutenção das relações de poder baseadas no paternalismo, uma vez que o consentimento de uso dos mananciais poderia ser usado para ampliar o lastro de poder dos proprietários locais.

os grandes e médios produtores era estratégico manter pastagem de engorda às margens da cidade, para pequenos produtores e agregados facilitava tanto a dinamicidade e proximidade para a venda da pequena produção fumageira como também maior possibilidade de encontrar ocupação na cidade.

Na imagem a seguir, pode-se verificar a produção de uma narrativa que visibiliza uma perspectiva diferente do que é corrente nos antigos retratos de Feira de Santana. Geralmente, o alvo das lentes fotográficas eram as avenidas Maria Quitéria (atual Getúlio Vargas), Rua Direita (atual Conselheiro Franco), Senhor dos Passos e adjacências. Na imagem, a Estrada do Calumbi e as residências da proximidade são o objeto do olhar fotográfico, a narrativa foi produzida de costas para o centro da cidade, informando algo sobre a visibilidade que o autor pretendeu imprimir.

IMAGEM 1: ESTRADA DO CALUMBI



Fonte: Antiga estrada do Calumbi, atual Av. Tomé de Souza. Sem data nem autor. Imagem retirada da página Memorial Feirense, n. 132. Disponível em: <http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=1#gallery1-132> Acessado em:24/07/2021.

A captura foi realizada de cima para baixo e da esquerda para a direita, de modo a enquadrar todas as casas da rua, as crianças, no centro, a esquerda e um adulto do lado direito. A estrada, do ponto onde a foto foi tirada, parece ter continuidade para o lado esquerdo, onde se encontrava a região que dava acesso ao centro da cidade.

O primeiro plano do texto imagético mostra a estrada de terra batida, com algumas casas em ambos os lados. Em frente, pode-se observar o predomínio da vegetação local, separada da estrada através de uma cerca. Em segundo plano, na parte superior direita, observamos algumas casas margeando a estrada. A imagem oferece ângulo favorável à observação mais detalhada das residências do lado direito. Parte das moradias possui uma porta e uma janela, construções consideradas simples na época, quando o parâmetro para descrever a largura dos imóveis era a quantidade de janelas e portas frontais. A primeira e a última casa da fileira a direita, parecem ser construídas com adobe e todas são cobertas com telhas de cerâmica. No geral, as casas da rua são próximas umas das outras, denunciando a limitação de terreno para construção.

A primeira residência da direita, aparentemente desobedece ao traçado da rua, mas é possível que o local seja uma esquina. Em frente ao imóvel uma pessoa, talvez um homem negro, possivelmente fazendo alguma tarefa. O que denota que a rua funciona como extensão da casa na realização de atividades laborais diárias. A própria presença de crianças na rua denuncia o seu caráter de espaço de convívio social.

Reginildes Santa Bárbara, estudando as lavadeiras do Tanque da Nação 1929-1960, argumentou que a região do Calumbi era um território negro, composto por trabalhadores de ramos diversos, como operários, carroceiros, aguadeiros, lavadeiras e domésticas (SANTA BÁRBARA, 2007). Na região da estrada, um pouco mais a frente, podia-se encontrar o Tanque do Urubu, que também foi pensado como um

território negro por Sodré, que chamou a região de “Senzala da cidade” (SODRÉ, 1991, p. 104).

Para Bianca Melzi Lucchesi, o processo de modificação da paisagem paulista nas primeiras décadas do século XX, teve como componente a produção de imagens que ressaltavam a imbricação entre “natureza e urbanidade ressaltando a capacidade e habilidade de transformação da paisagem por seus habitantes, expressa na abertura de bairros, caminhos e superação de obstáculos” (LUCCHESI, 2019, p.11).

Em Feira de Santana não foi diferente. As imagens produzidas buscavam ressaltar as modificações pelas quais o tecido urbano estava passando. As fotografias selecionadas apontam para o esforço de registrar territórios em franca expansão, marcados pela presença insipiente dos serviços estatais. Os autores buscaram produzir uma contra narrativa em que os subúrbios tinham existência própria, não eram meros apêndices, mas parte da sinfonia que compunha a cidade.

A análise de diferentes textos nos possibilita entender melhor as áreas limítrofes de Feira de Santana como habitadas pela população pobre. Essa interpretação converge com o que argumentamos anteriormente, uma vez que os subúrbios foram marcados pela presença da população pobre e negra e fazendas de pessoas de famílias abastadas. De modo geral, os tanques, fontes e lagoas funcionavam como local de convívio entre a população local, o que possibilitava o estreitamento dos laços de companheirismo, amizade e namoro. Esses mananciais também foram importantes elementos de produção de identidade social.

IMAGEM II- FOTO DA LADEIRA DA NAÇÃO



Antiga ladeira do Tanque da Nação. Foto sem data nem autor. Acervo Agnaldo Boaventura. MFFS:

Disponível em:

<<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/memorialdafeira/conteudo.asp?catimg=1#gallery1-131>>.

Acessado em:24/07/2021.

A imagem acima é um retrato da atual rua Farmacêutico José Alves. A imagem foi produzida de cima para baixo da ladeira. O ângulo privilegia o olhar que enquadra a região do centro urbano. Um texto escrito para conectar o subúrbio ao centro e dimensionar o crescimento da cidade pela percepção dos planos circunscritos na narrativa imagética. A imagem pode ser lida de baixo para cima, de modo a caracterizar a superioridade do centro em elevação, ou de frente a fundo, ao visibilizar as casas humildes das proximidades do Tanque da Nação, onde predominava a população pobre e negra. O crescimento da urbe ocupa o proscênio da trama. Outra possibilidade de leitura é a complementar, a cidade que cresce para os arredores e reconhece a importância da população suburbana para o futuro da Feira.

A ladeira de terra batida denuncia que a rua não era o centro das atenções do poder público. As casas apesar de humildes, contam com acabamento e duas janelas, grande parte pode ser localizada ao lado esquerdo da imagem. Talvez sejam casas de

aluguel, posse de grandes e médios proprietários da cidade, uma vez que a prática era bastante comum na época. Ao longo da rua, é possível visualizar pelo menos quinze pessoas, o que não se dá por acaso, a via dava acesso ao centro da cidade e podemos ver três pessoas andando no meio da rua. Ao lado direito, pessoas encostadas à porta das casas, a maioria são mulheres.

A imagem foi produzida entre 1935 e 1945. Do lado direito, um jegue amarrado. Possivelmente um jegue aguadeiro. A vala aberta na rua pode ter dupla função de impedir o acúmulo de água no centro da rua em épocas de chuva e conter o tropel dos carroceiros.

Havia diferentes formas de acesso e práticas sociais que envolviam os mananciais. Paulo Henrique Martinez aborda o estabelecimento uma geografia da desigualdade no tecido urbano de diversas cidades brasileiras, entre os séculos XIX e XX, que envolveu o acesso diferencial a água de boa qualidade para o consumo (MARTINEZ, 2007). As moradias estabelecidas próximas as nascentes e a busca por ocupações que viabilizassem o sustento, fazem parte do processo de esbecimento de “lugares” sociais a partir dos quais os sujeitos usavam o ambiente ao seu proveito. Enquanto uns recebiam incentivos para instalar indústrias, edificações¹¹, criavam gado ou alugavam chácaras com pequenas casas e boas aguadas, outros tinham como último e único recurso o pleito por um pedaço de terra nas proximidades de um tanque.¹²

Como disse Eurico Alves, a cidade estava a se modificar, a modificação foi produzida linhas de convívio social da população migrante residente nos subúrbios.

¹¹ Me refiro ao aforamento concedido pelo então prefeito Eduardo Froes da Motta a João Francisco de Souza, para fins de edificação. O terreno media 962 m² e estava situado nas proximidades do Tanque da Nação. Edital. Folha do Norte. Feira de Santana, 24 de fevereiro de 1945. 1859. MCS/CENEF.

¹² No ano de 1943, o prefeito Aginaldo Boaventura concedeu aforamento de um lote para construção a pelo menos três mulheres pobres. No edital publicado não consta o tamanho do terreno, as dimensões estariam descritas no “Plano de Urbanismo do Referido Tanque”, o que aponta para a preocupação com o planejamento da expansão e ocupação do solo urbano. Editais. Folha do Norte. Feira de Santana, 18 de setembro de 1943. n. 1784. MCS/CENEF.

Os mananciais foram importantes por suprir a necessidade por água potável e para o gasto, como também por possibilitar que homens e mulheres pudessem tê-lo como local de trabalho e irradiadores de relações de sociabilidades e lazer, nas quais aguadeiros e lavadeiras foram figuras-chave.

3. Aguadeiros e Lavadeiras na produção do espaço urbano

A memória popular não esconde o saudosismo com o antigo Tanque da Nação e o trabalho das lavadeiras. Em texto de cordel, o ex-vereador de Feira de Santana e professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Marialvo Barreto, produziu memórias e reflexões sobre as nascentes, destacamos uma em especial: “Tinha o Tanque da Nação/Que água forte minava/Rodeada de Varal/E de roupa que quarava/Era muita roupa suja/Que a lavadeira lavava” (BARRETO, 2007, p. 4). A estética do trabalho parece se apossar do cenário pintado, a paisagem composta pelas roupas estendidas não esconde a árdua labuta de limpar a sujeira da cidade. Diante da cena descrita, fica difícil imaginar que o trabalho das lavadeiras e as roupas estendidas fossem vistas pelas elites como parte do atraso da cidade. O mesmo estigma pesava sobre o Tanque da Nação, cuja identidade e memória carregavam/carregam as subjetividades dos sujeitos residentes nos arredores da cidade, sobretudo as lavadeiras e aguadeiros.

A labuta diária de aguadeiros e lavadeiras exigia que as pessoas ocupadas em tais atividades rompessem, com frequência, a barreira imaginária entre centro e periferia.¹³ Os aguadeiros¹⁴ passaram por um longo processo de perseguição, materializado nas páginas de periódicos. Os jornais pretendiam enquadrar os passos dos aguadeiros condutores dos famosos jegues carregadores, que levavam sobre o lombo carotes cheios da “água fria e límpida, da melhor fonte, para todo criarem força

¹³ Francisco Nunes Neto, ao estudar as experiências das lavadeiras de Salvador, nas três primeiras décadas do século XX, apontou a circulação pela cidade um fator marcante na rotina de trabalho, o estabelecimento de clientela fixa, como as lavadeiras colocavam as roupas para secas em varais próximos as suas casas e a maneira como ocupavam o espaço das águas são índices do estabelecimento de uma territorialidade própria do exercício da ocupação (NUNES NETO, 2007).

¹⁴ Para saber mais sobre o trabalho dos aguadeiros ver SILVA (2008) e SILVA, A. (2012).

na luta brava da cidade”. Não cansado de parodiar o poeta itabirano, costuro a inditosa luta do aguadeiro, alvo de brados periódicos, em comparação ao leiteiro que, não por coincidência, também “veio do último subúrbio” para vender o corpo, a água e o gesto de caminhar pela cidade (ANDRADE, 1982, p. 112).

Em 1937, o jornal Folha do Norte publicou um texto com o seguinte título: “Chamem os aguadeiros ao cumprimento da postura”¹⁵. A “postura” ganha caráter polissêmico no título da matéria, mas se considerarmos entre 1937 e 1938 foi publicado, na íntegra, o texto Código de Posturas em diferentes edições do jornal Folha do Norte, podemos começar a entender o apego do editor do periódico pelo documento. Em seguida, o articulista complementa olhar sobre os possíveis excessos dos aguadeiros:

Muitos dos que se acham no fornecimento d’água à população, [...] fazem galopar os animais diante de si, fustigando-os barbaramente com as tacas e forçando-os a perlongar os meios fios dos passeios por onde eles transitam, como se também isso fosse permitido

O texto expressa o desejo de modelar a prática dos aguadeiros através de pequenos cuidados como conduzir o animal a menos de um metro de si, não o deixar tomar os passeios e não fustigar os animais de modo a causar sobressaltos. Tudo isso, em nome da ordem civilizada, contraposta à barbárie localizada na prática da qual os aguadeiros são acusados. Na matéria, o vendedor e seu jegue são vistos como um mal necessário à população do centro urbano, mas era preciso que este “se enquadrasse” nos códigos de conduta estabelecidos.

Os aguadeiros são figuras presentes nas memórias de Antônio Lajedinho sobre *A Feira na década de 30*, título do livro em que o autor reuniu as memórias sobre a cidade nessa época. As memórias datam da infância do escritor, mas é notável um processo de elaboração posterior que as ressignificou, muito a partir das opções políticas e leitura de mundo do soldado combatente na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, um olhar cuidadoso sobre o livro, organizado em crônicas, permite

¹⁵ Chamem os aguadeiros ao cumprimento da postura. **Folha do Norte**. Feira de Santana, 21 de agosto de 1937. n. 1467. MCS\CENEF.

diferenciar lembranças que passaram por maior adequação política posterior, de outras que foram carregadas de nostalgia em relação ao passado. Vejamos o que o olhar nostálgico de Lajedinho tem a nos dizer sobre os aguadeiros:

Àquelas horas todos se movimentavam em casa: era a hora do café. Depois íamos para a escola e já encontrávamos os aguadeiros com seus jumentos carregados com quatro barris de vinte litros cada. Os aguadeiros colocavam um cincerro nos pescoços dos animais, para chamar atenção dos compradores (FERREIRA, 2004, p. 170).

É interessante pensar que na produção das reminiscências do autor há práticas, cheiros, sujeitos sociais e hábitos ligados a determinada porção do dia. A manhã descrita por ele é permeada por práticas tipicamente matutinas na época. O café, a ida à escola e o som do cincerro são símbolos do alvorecer que significaram o que era o amanhecer para o autor. O sentido da escrita parece reeditar a rotina, de dentro para fora, do privado para o público, carregado de marcos típicos de cada espaço social. Se em casa imperava o movimento, o ritual diário do café, do lado de fora os marcos são outros. A rotina dos trabalhadores de ganho ressaltava aos olhos. O aguadeiro que conduzia o burro atravessava as ruas, a vendedora de tabuleiro e os carroceiros vendedores de lenha produziam barulhos que informavam sobre o fazer da cidade.

Talvez os índices de memória que a atividade dos aguadeiros produziu na sensibilidade do autor se assemelham com a percepção dos moradores residentes na porção central da cidade. Onde os aguadeiros chegam, fazem barulho, deixam a água e vão embora. As memórias dos próprios aguadeiros e da população residente nas proximidades dos tanques certamente seriam outras. Como foram outras as opiniões sobre os aguadeiros projetadas nas páginas dos jornais, onde a tônica principal foi a tentativa de contenção e disciplinamento dos aguadeiros.

Michel de Certeau interpretou as caminhadas pela cidade como atos de enunciação, forma de tecer linguagem prática na produção do espaço. Na experimentação do espaço, os pedestres podem seguir o trajeto imposto na organização do traçado urbano. Mas o ato de caminhar também pode inutilizar

caminhos longos, criar e privilegiar atalhos. Nesse sentido, a caminhada funciona como atividade criativa, com potencial de re-significação do urbano (CERTEAU, 2014, p. 166).

As travessias dos aguadeiros pelas cidades podem ser pensadas a partir dessa ótica da apropriação e ressignificação do tecido urbano. O que seria desobediência as posturas, mas também revela alguns aspectos da cultura da época, numa cidade onde existia um imaginário de vaqueiro como sujeito arredio, que propunha diabruras na condução do animal. É possível que tal prática fosse apropriada pelos aguadeiros, que aparentemente não diferenciava a forma produzir o espaço no centro e no subúrbio.

As formas como os caminhantes se apoderam do espaço produzem memórias sociais. Se para Certeau o espaço é um móvel urdido a partir de múltiplos movimentos, é bricolagem, ele também pode ser carregado de memória, de fragmentos de um passado a ser decifrado, mas que o produz, em certa medida (CERTEAU, 2014, p. 176). Certamente as memórias costuradas por Lajedinho são fruto da maneira peculiar como os aguadeiros se apropriavam do espaço urbano, pela manhã, com barulho de cincerros e gritos para atrair clientes. Tal comportamento funciona para imprimir marcas no espaço, inscrever singularidades sociais no traçado urbano, pretensiosamente imparcial.

Não se podemos incorrer no erro sonoro de tratar sobre esse tema sem refletir a forma com as lavadeiras marcaram sua prática na memória da cidade, sobretudo as do Tanque da Nação. Primeiro, é preciso dizer que a ladeira onde o tanque estava localizado era conhecida como Ladeira da Nação. O que se dava não só por ser via de comunicação direta com o manancial, mas pelo fato de lá residirem muitas lavadeiras que colocavam as roupas lavadas para secar em frente a suas casas.

O Tanque da Nação é o manancial mais registrado na primeira metade do século XX em Feira de Santana. A Ladeira da Nação era habitada pela população pobre, em parte das vezes os registros de arrecadação de impostos ao mencionar os proprietários de imóveis apresentaram o famoso “de tal”, por não encontrarem ou

não reconhecerem o sobrenome dos moradores.¹⁶ O trabalho das lavadeiras ficou marcado de tal forma na memória da população de Feira de Santana que é muito difícil falar de Tanque da Nação sem falar de lavadeiras, como é quase impossível falar de Ladeira da Nação e não associar a essas personagens.

O próprio Antônio Lajedinho, ao escrever suas memórias sobre a região do Tanque da Nação, destacou que “alguns melhoramentos e a falta de água encanada levou o Tanque da Nação a ser o bairro das lavadeiras”. É interessante perceber que o autor não aborda o Tanque da Nação apenas como um tanque, ele assume a faceta de um bairro ou região da cidade, como era na época. Esse fato se deu pela importância que o manancial tinha para a população daquela região da cidade na época, sobretudo na aglutinação de pessoas que se dirigiam ao tanque. A identidade social produzida pela população pobre do local era costurada a partir da lida com o tanque, com destaque para a presença das lavadeiras e como seu trabalho caracterizava não só o espaço do tanque, mas o traçado urbano da região. O que fica explícito nas palavras de Lajedinho, que descreveu o bairro como lugar onde “se viam sempre centenas de roupas coloridas, estendidas em varais improvisados, tremulando como interminável bandeira de retalhos multicores” (FERREIRA, 2006, 106).

¹⁶ Lançamentos. **O Município**. Feira de Santana, 24 de setembro de 1910. n. 111. MCS/CENEF.

IMAGEM III- TANQUE DA NAÇÃO



Tanque da Nação, a lagoa que deu nome ao bairro. Foto sem data nem autor. MFPS: Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/sistemas/arquivos/memorial/galeria/122.jpg>>. Acessado em 10/08/2021.

A imagem do Tanque da Nação, foi produzida para captar movimentos cotidianos no tanque. As pessoas não são pegas de surpresa, olham e sorriem para a câmera. Mas a cena não destoa da rotina, as lavadeiras e algumas meninas na parte de cima do tanque. As roupas estendidas nas cercas atravessam horizontalmente a imagem, em segundo plano. As lavadeiras trabalhando agachadas, longe da água. Em primeiro plano, os banhistas sorridentes. Ao fundo o centro da cidade, à direita a Santa Casa de Misericórdia. À esquerda os coqueiros da praça em frente à Igreja Matriz.

O texto imagético, foi urdido para focar os diferentes sujeitos e a paisagem do tanque, banhistas, lavadeiras, as roupas estendidas, a vegetação ao redor e a Santa Casa de Misericórdia. O retrato é produzido de baixo para cima, da periferia para o centro da cidade, como uma tentativa de conexão entre diferentes porções do espaço urbano.

A produção textual visibiliza sujeitos e práticas às vezes combatidas, como os banhistas que expunham corpo em diversão no tanque. Provavelmente, muitos banhistas são filhos de lavadeiras que acompanhavam as mães na rotina de trabalho. A imagem permite ler o tanque como espaço de múltiplos atravessamentos, espaço de convívios e sociabilidades diversas, onde trabalho e lazer se encontram. Mesmo que a separação entre o trabalho das mulheres e lazer dos homens se mostrem predominantes.

Uma leitura mais atenta pode encontrar indícios de práticas educativas enunciadas. A presença de meninas junto às mães próximas às roupas brancas, denunciam como as crianças pobres eram iniciadas no ofício pela família, nesse caso o contorno de gênero é ainda mais evidente, uma vez que as meninas deveriam ajudar as mães a lavar enquanto os meninos nadavam.

O próprio banho nas águas como uma atividade de lazer é silenciado em diversas produções sobre a história da urbe, sobretudo porque parte das produções se voltam para a questão do lazer, pensaram os lazeres das elites ou desconsideraram os banhos.¹⁷ A questão não ganhou destaque mesmo na produção de autores que buscaram visualizar, entre outras coisas, o lazer dos trabalhadores pobres da cidade.

O fato de todas as pessoas presentes no tanque serem pretas é uma evidência da predominância dessa população convívio com as águas. A seleção do olhar não permite uma dimensão ampliada do espaço do tanque, aparentemente o foco era as pessoas e não as águas, todavia percebe-se que o tanque além de estar cheio, ocupava um espaço amplo. A foto data da década de 1940, pode-se notar um muro construído atrás da Santa Casa de Misericórdia, na tentativa de barrar rejeitos do hospital. O muro foi construído na década de 1930.

Se avançarmos na interpretação do que foi pensado ao longo do texto, é possível pensar a produção do espaço urbano em bairros como Queimadinha, Baraúnas e Tanque da Nação (ou região do Calumbi) através do diálogo com Maria

¹⁷ Como contribuição nesse sentido temos o trabalho de Santos (2012).

Estela Rocha Ramos, que pensou o bairro negro a partir de marcadores culturais, arquitetônicos e ambientais do Bairro Engenho Velho da Federação (RAMOS, 2013, p. 192). Aqui atentamos para a imbricação entre elaboração cultural e meio ambiente, no sentido de produzir formas de ser socialmente negras e articuladoras do espaço urbano, produtoras de sensibilidades e memórias impregnadas no fazer social da população desses lugares.

4. Considerações finais

As águas de Feira de Santana foram palco de vivências sociais diversas. Os mananciais, enquanto marcadores do território suburbano, estiveram atrelados as experiências de trabalho, sociabilidades e lazer da população pobre. As diversas leituras sobre as aguadas da cidade apontam para a produção de identidades específicas, conjugadas à maneira como se configurava a expansão urbana, influenciando e sendo influenciadas por esse processo. A territorialidade experimentada nas proximidades dos mananciais, foi elaborada a partir de disputas diversos, em que o jornal Folha do Norte funcionou como porta-voz de parcela da elite feirense que pretendia disciplinar (através da repressão policial) os hábitos citadinos, inclusive no espaço das águas. Na contramão desse processo, a população pobre insistia se apropriar do espaço de acordo com sua lógica cultural e contingencial, impondo resistência ao processo de disciplinamento social pretendido pelos editores do semanário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Conceição Maria Ramos. **As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX**. Tese (Doutorado em História) – PUC-SP, São Paulo, 2010.

ALVES, Chintamani Santana. **Tramas da terra: conflitos no campo na terra de Lucas, 1900-1920**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. – São Paulo: Abril Cultural, 1982.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana**; introdução, pesquisa, organização e notas de Maria Eugênia Boaventura - Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BARRETO, Marialvo. **Sant'ana dos Olhos D'água: a desavença entre o homem e a água**. – Feira de Santana: [s.n], 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1. Artes de Fazer**. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FERREIRA, Antônio Moreira (pseudônimo de Antônio Lajedinho). **A Feira do século XX**. – Feira de Santana: Editora Talentos, 2006.

_____. **A Feira na década de 30**. – Feira de Santana: [s.n], 2004.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar nem tanto à terra: Agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888**. – Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2011.

KLAUCK, Aline Gabriela. **Águas, fontes e aguadeiros: uma reflexão sobre o abastecimento hídrico de Nossa Senhora do Desterro (século XIX)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

LUCCHESI, Bianca Melzi. Retratos urbanos e rurais: cidade, natureza e habitação em fotografias do final do século XIX e início do XX. **Revista Fontes**. n. 11. 2019-2. p. 7-28.

MARTINEZ, Paulo Henrique. Abastecimento de água: vida cotidiana e desigualdade. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (Org.). **História ambiental paulista: temas, fontes, métodos**. - São Paulo: Editora Senac, 2007.

MOREIRA, Vicente Diocleciano. Agonia ocular de uma cidade cega: seca, agressões ambientais e qualidade de vida em Feira de Santana (Bahia) - século XIX- século XX. **Revista de Saúde Coletiva/ Programa de Pós- Graduação em Saúde Coletiva da UEFS**. – Vol. 1, n 1.– Feira de Santana, UEFS, 2002.

NUNES NETO, Francisco Andrade. **A condição Social das Lavadeiras em Salvador (1930-1939): quando História e literatura se encontram**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.

OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana Moraes Oliveira. **Canções da cidade amanhecendo: Urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Salvador: Edufba, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jitahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.

Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53. São Paulo, 2007.

RAMOS, Maria Stela Costa. **Bairros Negros: uma Lacuna nos Estudos Urbanísticos**: Um estudo empírico-conceitual no Bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia). Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTA BARBARA, Reginilde Rodrigues. **O caminho da autonomia na conquista da dignidade**: sociabilidades e conflitos entre lavadeiras em Feira de Santana. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2007.

SANT'ANA, Denize Berluzzi. **Cidade das águas**: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

SANTO, Sandra Medeiros. **A expansão urbana, o Estado e as águas em Feira de Santana-Bahia (1940-2010)**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira. **Diversões e civilidade na Princesa do Sertão, (1919 -1946)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Cristiane Lima. **Moderna, mas honrada**: moralidade e honra sexual Feira de Santana (1940 – 1960). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010.

SILVA, Alzenir Severina da. **Territorialidades em torno das águas**: discursividade e práticas de apropriação e uso dos mananciais em Garanhuns/PE. Tese (Doutorado em Geografia). - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, Diego Lino da. **As senzalas da cidade**: relações raciais entre negros roceiros (Bahia, 1940-1960). Dissertação (Mestrado em história). – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SILVA, Ivo Pereira da. **Terra das águas**: uma história social das águas em Belém, século XIX. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

SILVA, Mayara Plácido. **Experiências de trabalhadores/as pobres em Feira de Santana (1890-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira Santana, Feira de Santana, 2012.

SILVA, Valter Zaqueu Santos da. **“E foi um deus nos acuda”**: Migrações, Urbanização e luta de Classes na terra de Lucas (1977-1990). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015.

SODRÉ, Muniz. **O bicho que chegou à Feira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora: 1991.

WILLIAMS. Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. – São Paulo, 1989.